

## CONFRONTOS E PODERES NA MINERAÇÃO MORRO VELHO NA CIDADE DE JACOBINA-BA

SARA OLIVEIRA FARIAS\*

### RESUMO:

O estudo pretende reconstruir algumas das experiências dos trabalhadores acometidos de silicose, doença sem cura e letal, contraída no subsolo da empresa de exploração de ouro mineração Morro Velho, na cidade de Jacobina, (Bahia) na década de 1980 e 1990. A análise dos discursos dos atores sociais em relação ao trabalho enfoca trajetórias que vão desde a procura pelo emprego em uma cidade como Jacobina, passando pelas atividades desenvolvidas, destacando a forma como se trabalhava, a organização sindical, as lutas travadas indo desde a reivindicação por melhores salários até a reivindicação por melhores condições de vida, denunciando que o trabalho desenvolvido conduziu o trabalhador a contrair a silicose. A construção do texto, a partir das narrativas dos dirigentes sindicais, amplia o debate sobre a silicose, porque, em muitos casos, foram eles que denunciaram a prática perigosa e inadequada do trabalho.

**Palavras chave:** trabalhadores-mineração-Jacobina

### ABSTRACT

This study aims at reconfiguring some experiences of those workers affected by silicosis, a lethal disease, acquired in the underground during the exploration of the gold mine Morro Velho, in the city of Jacobina (Bahia), during the 1980s and 1990s. The analysis of the discourses of the social actors regarding their work focuses on the trajectory ranging from the search for a job in the city of Jacobina and its related activities, especially the way the work was done, its union organization, their labor agenda which included claims for better salary to improvement of life conditions, exposing that the working conditions caused the workers' contraction of silicosis. The development of the text, grounded mostly on the accounts by the union leaders, broadens the debate on the silicosis, considering that, in several cases, it was them who denounced the peril and the inadequacy of working conditions.

**Key-words:** Workers, mine, Jacobina.

A prática do trabalho na mineração Morro Velho nas décadas de 1980 e 1990, na cidade de Jacobina, município da Bahia <sup>1</sup>começou com a fase exploratória da viabilidade econômica em 1973, mas foi na década seguinte que a fase de produção do ouro teve início. É fundamental nesse texto discutir como o trabalho perigoso e inadequado nas minas subterrâneas da empresa produziu uma doença letal, nomeada como silicose,<sup>2</sup> mas para isso é

---

\* Doutora em História (UFPE)  
Professora de História Campus IV/UNEB-Ba  
e-mail: sarafarias@uol.com.br

<sup>1</sup> Jacobina está situada na região nordeste do estado da Bahia, distante da capital 330 km.

<sup>2</sup> A silicose é classificada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como doença ocupacional, adquirida no ambiente de trabalho. É uma pneumoconiose decorrente da exposição agressiva a agentes

necessário traçar algumas trajetórias das histórias dos atores sociais envolvidos nessa história – os trabalhadores de subsolo, nomeados naquela época como marteleteiros. Assim, múltiplas devem ser as perguntas e as interpretações que o historiador deverá fazer sobre a prática do trabalho nas minas de Jacobina nesse período, procurando compreender e também tecer as tramas daquela história.

Para situar os discursos produzidos sobre a chegada da mineração Morro Velho, é preciso apresentar algumas das histórias narradas pelos trabalhadores, identificando que frequentemente a mineração estava associada ao discurso do desenvolvimento, do crescimento econômico, progresso material, geração de riqueza e emprego.

A década de 1980 em Jacobina pode ser assinalada como um período de euforia em razão da atividade mineradora que era muito incentivada por alguns segmentos da sociedade local. Reeditava-se o discurso da geração riquezas do país, do estado e do município, da geração de empregos e renda, discurso que terminava seduzindo um número significativo de pessoas não só de Jacobina, mas, sobretudo de outras localidades da Bahia e do Brasil.

A euforia sobre riqueza e prosperidade, associada aos interesses políticos, sociais e econômicos formavam um mosaico complexo das relações sociais. Pode-se afirmar que, no início da exploração de ouro, as minas terminaram reativando a economia local, “promovendo 1500 empregos diretos, aquecendo substancialmente as vendas no comércio e favorecendo o desenvolvimento da especulação imobiliária. A cidade registra, neste período, um crescimento horizontal jamais visto.”(FONSECA,1995: 148) Mas,o reverso daquele crescimento também era vivido pela população como:

“Problemas sócio-ambientais [falta d’água, poluição dos rios, favelização (...)] A EMBASA não consegue atender toda a comunidade devido ao aumento populacional. A estação de tratamento d’água da empresa está operando com a capacidade abaixo da expectativa. O fato é que constantemente falta água na cidade, não por causa de secas ou por falta de rio, mas por falta de uma maior estação de tratamento[...].”(FONSECA,1995:149)

Neste cenário de múltiplos discursos é que se pode compreender o significado da prática do trabalho na empresa mineradora para os trabalhadores. Na maioria dos casos, significou o primeiro emprego com garantias trabalhistas (carteira assinada, férias, décimo terceiro etc). É nesse espaço que a produção discursiva sobre a cidade do ouro<sup>3</sup> encontra ressonância, transformando-se em verdade, instituindo significados para as experiências dos

---

químicos, como poeiras e gases. Cientificamente é “uma fibrose pulmonar produzida pela inalação de poeira” e uma das pneumoconioses mais comumente encontradas no Brasil.

<sup>3</sup> Jacobina é nomeada como cidade do ouro em decorrência da exploração de ouro desde o século XVIII. Nos séculos seguintes apesar dos períodos áureos e de decadência o discurso perpetuou e ganhou força na memória da cidade.

que buscavam mais do que o emprego, procuravam outras formas de viver diante da experiência da pobreza e do trabalho nas áreas rurais, como recordou Javan Sousa Rios.

“Eu nasci na cidade de Várzea do Poço, aliás não foi na cidade, foi na localidade por nome Pau do Angico, na fazenda eu nasci. Depois de casado eu vim para a região de Jacobina, era uma época de seca, as coisas meio difícil, a influência da mineração aí eu vim procurei emprego e encontrei na mineração. Naquele período realmente só falava em mineração. Na época trabalhavam mais de dois mil funcionários, não existiam outras firmas.” (Entrevista . 20/01/2006) <sup>4</sup>

A sedução pelo tipo de trabalho ofertado pela mineração somada às condições difíceis da vida na lavoura impeliu Javan para a cidade em busca de oportunidades. A imagem sobre Jacobina correspondia, em certos aspectos, a uma terra prometida para todos que buscassem oportunidades, embora as experiências do trabalho na mineração levassem para outros caminhos desconhecidos e não explicitados, porque seus significados não podem nem devem ser compreendidos. É nessa perspectiva que a década de 1980 pode ser assinalada como um período de euforia em razão da atividade mineradora que era muito incentivado pelo poder público municipal.

A maioria dos trabalhadores de subsolo da empresa mineradora era proveniente dessas áreas rurais. Sonhavam e acreditavam em um futuro melhor para si e sua família. Nesse cenário, encontraram trabalho na mineradora que ofertava empregos em larga escala. Trabalharam e arriscaram suas vidas em uma atividade de risco, perfurando rochas abaixo da superfície, de maneira intensa e quase sem proteção e segurança. O trabalho que deveria ser um meio de vida produziu acidentes e doenças. Uma dessas doenças, a silicose levou um número de trabalhadores ao adoecimento e de maneira mais radical à morte.

O que se pode compreender a partir das narrativas dos trabalhadores e também da documentação consultada é que o trabalho conduziu esses trabalhadores a contrair a doença. Essa situação fez com que o sindicato começasse a denunciar as perigosas condições de trabalho na mineração Morro Velho. Iniciava-se um verdadeiro embate entre o sindicato e a empresa que negava a associação silicose/trabalho. Mas esse foi um logo e difícil caminho percorrido pelo sindicato o que dificultou o diagnóstico da silicose como acidente de trabalho.

### **Sindicato e confrontos: a nomeação da silicose**

O sindicato dos trabalhadores da mineração de Jacobina pode ser estudado no âmbito das reformas políticas e sociais construídas no Brasil na primeira década de 1980, sobretudo após o período dos governos militares. A anistia política, a organização dos movimentos sociais, como o de trabalhadores em inúmeras cidades do Brasil e a campanha das eleições

---

<sup>4</sup> Javan Sousa Rios contraiu silicose trabalhando na mineração Morro Velho. Seu falecimento ocorreu em abril de 2007.

diretas são alguns dos aspectos incluídos nos discursos que focalizavam a nomeada “Nova República,” período de transição política do Brasil para a democracia. Em 1985, Tancredo Neves foi eleito pelo colégio eleitoral, transformando-se no primeiro presidente civil desde 1964.(SKIDMORE, 1988:491) <sup>90</sup> Na véspera da posse, Tancredo foi internado, assumindo em seu lugar, o vice, José Sarney, que com a morte de Tancredo, se tornaria o presidente do Brasil, governando até 1989, quando ocorreram eleições diretas para a presidência da república. Nesse cenário de novas perspectivas políticas e sociais, pode-se compreender a construção do sindicato dos trabalhadores na indústria da extração do ouro e metais preciosos de Jacobina. Criado, em 1984, como associação de trabalhadores, no ano seguinte se transformou em sindicato, mas ainda assim, como recordou Francisco Malaquias, ex-diretor de sindicato e trabalhador de subsolo,<sup>5</sup> sua participação na diretoria do sindicato só ocorreu depois, “porque a gente era muito repreendido, então a situação era meio complicada para se engajar nessa luta, nessa organização.”(Entrevista,16/01/2007) Nesse sentido, a participação do mineiro no sindicato era dificultada, em razão da pressão da empresa que tentavam barrar a ação política do sindicato.Entretanto, a partir de 1985, a organização de movimentos sociais como o dos trabalhadores se expandiu em diversos estados do país e as centrais sindicais, recém criadas no Brasil, passaram a influenciar na organização e sindicalização de diversas categorias de trabalhadores.

Em Jacobina, a prática sindical começou a ser delineada por influência de moradores de Jacobina que estudavam em Salvador, como recorda Filinto Acendino da Cruz, ex-diretor de sindicato:

“Na época tinha muito estudante aqui de Jacobina morando em Salvador, eles estudavam lá e vinham cá, chegavam e sempre conversavam com a gente. E aí eles foram se reunindo com a gente, a gente se reunindo com eles, aí a gente chegou a fundar a associação na época. Os estudantes eram Emanuel Barbosa.\* Tinha um que se chamava Jorginho. Tinha um que se chamava Valério [...]” (Entrevista, 21/01/2005)

Somado a esse apoio dos estudantes, a organização dos trabalhadores da mineração também contou com a experiência de outros líderes sindicais, como

“Benjamin Ferreira, um grande guerreiro que tinha vindo me parece do sindicato dos químicos, era um dos fundadores do sindicato da empresa Caraíba Metais. Tinha sido preso no passado, por questão da época dos militares, mas ele continuou na luta

---

<sup>90</sup> SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985.7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.491

<sup>5</sup> Os trabalhadores de subsolo eram nomeados conforme a função exercida. Alguns trabalhavam como ajudantes de marleteiros, marleteiros, condutor de locomotiva, montadores de tubos, de trilhas. Na década de 90, com a inovação tecnológica, os marleteiros, passam a ser nomeados como operadores de máquinas

\* Emanuel Barbosa se tornaria ano depois advogado do sindicato dos mineiros.

e ajudou a iniciar a questão da organização aqui em Jacobina.” (Entrevista, 16/01/2007)

Dessa forma, o movimento dos trabalhadores da mineração, inicialmente através de sua associação, começava a traçar estratégias de luta, reivindicando melhores salários e condições de trabalho. Essas reivindicações terminaram produzindo duas greves no ano de 1985. A primeira delas com duração de sete dias, resultando em várias demissões, sobretudo dos líderes do movimento, como noticiou o jornal A Palavra:

“Os 1.700 operários da mineração Morro Velho entram hoje no quarto dia de greve e não dá qualquer perspectiva de suspensão do movimento, porque a empresa se recusa a negociar sem que antes todos voltem ao trabalho. A comissão de negociação não concordou e voltou a protestar contra as demissões sucessivas e o corte no transporte dos operários.

[...] Enquanto isso, os mineiros mantém bloqueada a estrada Jacobina-Canavieiras, único acesso da mina, só permitindo a passagem dos produtores rurais e dos veículos da cerâmica Jacobina, mesmo assim, após uma rigorosa inspeção.

No local das barreiras, os grevistas estão discutindo os rumos do movimento a cada tentativa de negociação e permanecem tranquilos, em nenhum incidente com a polícia até agora, apesar do reforço solicitado ao batalhão de Juazeiro. Ontem, eles voltaram a denunciar as irregularidades cometidas pela empresa como o não pagamento de insalubridade e a crescente demissão dos operários que necessitam dos transportes para chegar até o trabalho, principalmente os das localidades conhecidas como Junco e Paraíso.” (A Palavra, n.º656, 1985: 6)

O conflito entre empresa e trabalhadores sinalizava para a correlação de forças existentes. De um lado a repressão, traduzida em demissões, como forma de coibir o movimento, do outro lado a associação reconhecia a necessidade de uma articulação mais eficaz, dentro do próprio movimento, porque naquele período, segundo Filinto:

“Os trabalhadores não entendiam o que era o sindicato, fizeram um acordo e não cumpriram aí depois desses dias paralisados, eles [empresa] inventaram uma história que ia tirar os ônibus do Junco, de Capim Grosso [...] depois disseram que não ia trazer mais ninguém desses lugares, ia demitir todo mundo e quem não quisesse ser demitido que viesse morar em Jacobina. Aí começou a rebelião.” (Entrevista, 21/01/2005)

O relato de Filinto dimensiona alguns aspectos da luta em um ambiente pouco ou quase nada favorável às reivindicações da categoria, sobretudo porque a greve havia sido decretada ilegal pelo Tribunal Regional do Trabalho e diversos trabalhadores haviam sido demitidos por “justa causa, apesar do insucesso das tentativas de conciliação”<sup>6</sup>

Ao instalar estes espaços de conflito, é fundamental refletir sobre a prática da organização sindical daquele tempo. De um lado, a empresa ditando as regras do jogo, produzindo discursos que legitimavam seu papel de promotora do desenvolvimento sócio-

<sup>6</sup> Arquivo Municipal de Jacobina (AMJ). Poder Executivo/Correspondência Recebida. Fundo: Gabinete do prefeito. Cx.699, 1985. Neste documento o diretor da empresa, encaminha a lista à Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado da Bahia constando 55 trabalhadores demitidos.

econômico da cidade, marcando seu lugar social e conseqüentemente seu poder. De outro, o medo do desemprego e a falta de experiência dos trabalhadores em lidar com a prática sindical instalam múltiplos significados. Malaquias afirma que os trabalhadores recebiam orientações do “pessoal da CUT, do PT,” (Entrevista, 16/01/2006) mas na prática eram os trabalhadores “que faziam o movimento na cara e na coragem.”(Entrevista,16/01/2006)

A segunda greve foi traçada para ser deflagrada no dia 21 de abril, caso a empresa não considerasse o feriado. A empresa não considerou, nem levou em conta a morte do presidente do Brasil, Tancredo Neves, e os trabalhadores paralisaram suas atividades.

“Então a proposta era, se a empresa desse feriado naquele dia ia se programar uma greve mais na frente, outra data. Se ela não desse feriado, aí a gente aproveitava e parar nesse dia. A gente aproveitou [a morte de Tancredo] para protestar, mostrando que a empresa era tão miserável que nem no dia que o presidente morreu, a empresa deu feriado. [...] Paramos a mina totalmente, paramos na raça. Saía um agrupamento, tipo clandestinamente, nós saímos com um bando de colegas da associação e que não era da associação também, que tava trabalhando, tava se sentindo prejudicado e aí fomos [para estrada], nos escondemos tipo guerrilha mesmo. Aí a gente tinha combinado com um camarada que estava no ônibus que ele ia derrubar o crachá e pedir para o motorista parar. Acho que o camarada ia na porta e fez que caiu o crachá e disse para o motorista: pára aí que o crachá caiu aqui. O motorista parou e nós cercamos o ônibus, não deixamos passar. [...] Tínhamos programado a parada dessa forma, porque se a gente saltasse na estrada o motorista colocava o ônibus em cima da gente. [...] Aí ficamos um monte de dias parados, [24 dias] acampados na estrada, comendo lá, cozinhando lá.” A cidade toda ia para lá olhar a gente parado lá, dava uma olhada, nunca tinha visto isso. A comunidade ajudava, mas não era todo mundo, outros eram contra aquele negócio todo. A igreja ajudava a gente. A prefeitura também ajudava com alimento, doava lona para a gente colocar as coisas. Essa greve foi a maior greve do Norte e Nordeste naquele período. Outros companheiros que já eram de luta apoiou a gente, veio gente de fora, de outros setores, veio da CUT, veio da Federação dos mineiros. [...]” (Entrevista, 21/01/2005)

As estratégias construídas, como a escolha do feriado para começar o movimento de greve e denunciar alguns aspectos da gestão do trabalho da empresa Morro Velho, mostram uma das facetas da relação entre a empresa e seus funcionários. Nessa perspectiva, pode-se pensar nas relações sociais produzidas na mineradora, focalizando a luta do movimento sindical e os embates construídos a partir dessa experiência.

As denúncias contra as demissões, o corte de transporte dos trabalhadores que moravam distantes de Jacobina, como também a reivindicação por melhores salários e condições de trabalho constituíram aspectos fundamentais da prática sindical que começava a ser delineada. Assim, é compreensível Filinto afirmar que as atividades na mina foram paralisadas “na raça.” As dificuldades encontradas para a organização do movimento devem ter sido muitas, afinal de contas os sindicatos no Brasil retomavam sua atuação política depois de vinte anos de repressão e cerceamento das liberdades democráticas imposta pelo regime militar. Nesse sentido, a organização da greve, julgada “clandestina,” é significativa. A forma

como se organizaram, tendo como lideranças do movimento tanto os membros da associação como outros insatisfeitos com aquela situação, colaborou para que os demais trabalhadores aderissem à greve.

Esta produziu múltiplos efeitos, um deles a denúncia sobre as condições do trabalho, instituindo, assim outros significados para prática da empresa. Uma parcela dos trabalhadores revelava as maneiras de realização daquele trabalho, a forma como eram tratados e como estavam expostos a riscos e perigos. É também significativo o fato de as pessoas da cidade se deslocarem para a estrada que dá acesso as minas para olharem o movimento, pois segundo Filinto, a cidade “*nunca tinha visto isso.*” O movimento grevista apresentava para a cidade, para o estado e para o país os conflitos gerados pelas relações de trabalho naquela empresa mineradora multinacional. Ao radicalizarem o movimento, montando acampamento na estrada, instituiu uma maior visibilidade a sua luta. Nesse sentido, a rede de solidariedade que se formou revelava o apoio da cidade e fortaleceu a paralisação que durou vinte e quatro dias.

As lideranças do movimento parecem ter encontrado espaço entre os trabalhadores para que as táticas traçadas ocorressem com sucesso. É significativo o relato de Malaquias que, naquele período, não fazia parte da diretoria da associação, mas aderiu ao movimento, porque achou “bonito.”

“Eu nunca tinha ouvido falar em greve. Televisão não assistia, não tinha televisão, pouca gente tinha. Mas a gente não ouvia falar em greve, até também porque não se falava em greve mesmo. Eu não conhecia, no dia eu achei bonito, eu fui para o movimento porque achei bonito. Eu ia no ônibus, era no terceiro, no quarto ônibus e quando eu vi todo mundo parado, eu coloquei a cabeça fora da janela, quando eu olhei tava todo mundo descendo do ônibus, eu desci porque achei bonito. Eu não sabia, a realidade é essa, eu não sabia que ia ter o movimento, que ia ter greve, não sabia e era pouca gente que sabia se não vazava, não podia falar nada se não vazava. E no momento todo mundo achou bonito, foi mais por boniteza. Na época só tinha o José Lages [militante do PT], o Benjamin [sindicalista] que orientavam a gente.” (Entrevista, 16/01/2007)

Possivelmente, as orientações de pessoas com experiência sindicalista contribuíram para o desenvolvimento da greve, mas foram as lideranças dos trabalhadores que deram início a paralisação, apesar das prováveis retaliações que poderiam ocorrer. Assim como Malaquias, outros trabalhadores desconheciam a estratégia para deflagração da greve, mas por múltiplas razões aderiram, instaurando a construção da prática sindical, mediada por indivíduos que, em sua maioria, não tinha contato com este tipo de discurso sequer tinha ouvido falar sobre greve, sindicalismo ou movimentos sociais. As experiências de trabalho anteriores tinham sido outras, diferentes daquelas vivenciadas pelos trabalhadores da mineração que reivindicavam melhores salários e condições adequadas. Portanto, é compreensível que Malaquias considerasse o movimento dos trabalhadores como algo “*bonito.*” Os signos emitidos durante

o processo de paralisação colocam a possibilidade de discutir o papel do indivíduo, visto como cidadão que luta, decide e acredita que pode modificar alguns aspectos da relação patrão e empregado. Pode-se pensar que aqueles trabalhadores estavam começando a marcar seu lugar social, apesar da desigualdade de forças.

No entanto, se por um lado, o movimento não foi vitorioso na maioria das reivindicações, sobretudo quanto a exigência de reintegração dos demitidos, que só ocorreria em 1987 por decisão judicial, por outro lado, os trabalhadores, principalmente os demissionados, e alguns membros do sindicato iniciaram uma rede de articulação com outras categorias e começaram a discutir e traçar algumas táticas para sua luta. Malaquias avalia o período de 1985 até 1987 como significativo para o desenvolvimento da prática sindical:

“Em 1985 [a discussão] era salário, depois de 1986... 1987 as coisas começaram a mudar, porque a gente [sindicato] começou a ter um conhecimento maior. O próprio pessoal que ficou afastado, que foi demitido, eles começaram a sair, a viajar, ir para Salvador, tinham os encontros da CUT. Foi assim que o pessoal começou a tomar curso sindical.”(Entrevista, 16/01/2007)

O reingresso dos demitidos e a experiência com outras práticas sindicais contribuíram para o fortalecimento do sindicato. “Nós saímos da greve em 1985, além do desgaste pessoal, teve o desgaste da diretoria que foi demitida. E a credibilidade do sindicato se acabou ali. O pessoal começou a acreditar no sindicato exatamente na reintegração dos companheiros. Em 1988, 89 a gente tinha 90%, 95% de sócio dos trabalhadores, quase todo mundo sócio.”(Entrevista, 16/01/2007)

Em 1989, o movimento sindical já consolidado deflagrou a maior greve da história do sindicato dos mineiros com duração de 41 dias. “Ai nós já estava com a estrutura melhor, essa greve não fizemos piquete. Fizemos só assembléia, os trabalhadores estavam conscientes, não foi ninguém no ônibus e nem ninguém na porta da fábrica.”(Entrevista,21/01/2005) A estratégia do efeito surpresa da greve foi substituída pelo trabalho de conscientização do trabalhador, “fazia assembléia, reuniões de quinze em quinze dias,” (Entrevista, 21/01/2005) resultado de um novo cenário que colocava na cena política e social os movimentos sociais, reivindicando e lutando por melhores condições de vida.

Nessa perspectiva, pode-se compreender como a prática sindical consegue a adesão da categoria, começando a politizar uma parcela dos trabalhadores. Não se pode também desconsiderar a pressão, orientação e colaboração das centrais sindicais, dos partidos nomeados como de esquerda na luta sindical, contribuindo para sua expansão e desenvolvimento.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Em 1989, o partido dos trabalhadores (PT) lançava Luis Ignácio Lula da Silva, dirigente sindical dos metalúrgicos do ABC paulista para presidência da república. Era a primeira eleição direta depois de mais de

É nesse confronto entre interesses múltiplos e diversos que o discurso sobre a necessidade e a justiça da greve encontra ressonância. As condições de trabalho, o conjunto de reivindicações e a recusa da empresa em fazer acordo terminaram levando os trabalhadores a deflagrar a greve. Registre-se ainda que os trâmites legais exigidos por lei foram seguidos e o movimento contou com ampla maioria da categoria. Pode-se observar que, nesta greve, o sindicato além de focalizar a luta por melhores salários denunciava as formas do trabalho na empresa, sobretudo suas condições perigosas. Nesse sentido, o sindicato apresentava ao Tribunal Regional do Trabalho as reivindicações que ao longo do tempo eram exigidas, mas que em sua maioria não foram cumpridas.

O documento reivindicatório que abordava, entre outros aspectos, as perdas salariais provocadas pelos planos econômicos, exigindo sua recomposição, produz também o discurso de que a empresa obtém lucros significativos, perpetuando a lógica da exploração da força de trabalho pelo patrão. Também reivindicava abono de férias, participação nos lucros, proibição de trabalho extra no subsolo, fornecimento de vestimentas que, apesar de acordadas na convenção coletiva, não eram fornecidas, assistência médica gratuita, adiantamento quinzenal do salário, revogação da demissão por justa causa em caso de ausências justificadas, exigência de supervisores de segurança nas áreas consideradas de risco, reivindicações relacionadas à gestão do trabalho, incluindo a segurança do trabalhador.<sup>8</sup>

O Tribunal do Trabalho julgou favorável aos trabalhadores, mas a empresa não cumpriu a decisão. Os próprios trabalhadores também não conseguiram acreditar na decisão, pois suas reivindicações eram de um piso salarial de “quatro salários mínimos e o tribunal deu dez salários. E a gente ficou assim: se deu para gente é nosso e nós queremos. Resultado: a empresa disse que esse salário não tinha condições de pagar, botou todo mundo na rua, contrataram empreiteiras e só deixou a diretoria do sindicato.”(Entrevista,21/01/2005)

Grandes foram as dificuldades que o sindicato teve após a greve 1989. Inicialmente, contou com a repressão da mineradora contra seus diretores que por cerca de um ano permaneceram isolados, trabalhando nas galerias subterrâneas sem contato com os demais colegas. “Ficamos isolados até o ônibus era separado, só carregava nós.”(Entrevista,21/01/2005) Outra tática da empresa foi a contratação de empreiteiras, empresas terceirizadas, onde os trabalhadores não eram sindicalizados, dificultando a prática sindical, situação contornada quando o sindicato, através de seu advogado entrou na justiça

---

vinte anos de regime militar. Assim, é significativo o crescimento dos sindicatos e sua capacidade de articulação com outros setores da sociedade.

<sup>8</sup> .AMJ. Poder Legislativo/Dissídios coletivos. Cx.38. Maço 01.1989.

para que os acordos coletivos celebrados fossem cumpridos também pelas empreiteiras, resultando na saída das empresas de terceirização e na volta dos contratos diretos com a empresa mineradora. O descumprimento da decisão do Tribunal do Trabalho, somado ao medo do desemprego instituíram significados que possivelmente contribuíram para a diminuição da força política do sindicato dos mineiros que, nos anos de 1990, enfrentavam novos desafios.

Algumas das características do sindicalismo no Brasil, na década de 80, como o confronto direto com os patrões e o Estado, reivindicação de negociação coletiva, direito de greve,<sup>9</sup> a partir de 1990 cedem lugar para uma posição do sindicato de negociação e cooperação, nomeado como “o discurso da concertação social,”<sup>10</sup> onde se está mais disposto ao diálogo do que ao confronto em decorrência da reestruturação produtiva que “fez do desemprego o grande vilão no processo de retração do sindicato.”<sup>11</sup> O avanço da política neoliberal, em escala internacional, a crise do socialismo e as políticas de governo no Brasil que priorizavam a privatização e quebra de monopólios do setor estatal podem ser apontados com alguns dos fatores que atingiram a organização e a luta sindical no Brasil nos anos de 1990.<sup>12</sup>

Nessa perspectiva, é compreensível que o movimento sindical dos mineiros começasse a instituir ao longo dos anos 90 outras práticas políticas, entre elas a livre negociação de salários. Segundo Filinto, “todo ano se fazia o acordo, não era dos melhores, mas também não era dos piores,”(Entrevista, 21/01/2005) constituindo-se assim as novas (e precárias) relações do mundo do trabalho que terminavam encontrando espaço na produção

---

<sup>9</sup> COSTA, Márcia da Silva. “O sistema de relação de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual.” Rev.bras.Ci.Soc.v.20 n.59. São Paulo, out.2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br>>Acesso em 10 dez.2006.

<sup>10</sup> ALVES, Giovanni. “Do ‘novo sindicalismo’ à ‘concertação social’: ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). Ver.Sociol.Polit.n.15. Curitiba, nov.2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 21 set.2006.

<sup>11</sup> COSTA, Márcia da Silva. “O sistema de relação de trabalho no Brasil:alguns traços históricos e sua precarização atual ”. Rev.bras.Ci.Soc.v.20 n.59. São Paulo, out.2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br>>Acesso em 10 dez.2006.

<sup>12</sup> ALVES, Giovanni. “Do ‘novo sindicalismo’ à ‘concertação social’: ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). Ver.Sociol. Polit. n.15. Curitiba, nov.2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 21 set.2006.Dados aos limites desse trabalho não discutiremos a complexa rede de relações do trabalho e do sindicalismo no Brasil desse período, para um melhor aprofundamento dessa questão ver entre outros títulos: ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995;BOITO Jr. Armando.O sindicalismo brasileiro nos anos 90. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1991; GOMES, Álvaro (org) O trabalho no século XXI: considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A.Garibaldi. Bahia: Sindicato dos Bancários, 2001; SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990.” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano v.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

do discurso da garantia do emprego com garantias trabalhistas proporcionadas pela Morro Velho.

Dessa maneira ganhava força novamente o discurso da empresa como promotora do desenvolvimento, desqualificando a luta do sindicato, instituindo efeitos de verdade sobre as boas relações de trabalho oferecidas pela empresa. Nesse sentido, as reivindicações por salários e melhores condições de trabalho eram secundarizadas, facilitando o domínio de relações de poder que comandam, ditam e legitimam os discursos que naturalizam as injustiças e a exploração.

É nesse cenário de confrontos e poderes na mineração Morro Velho que se pode situar as desiguais relações de forças traçadas entre sindicato e mineradora. O trabalho sem proteção e inadequado constituiu também o foco denúncias do sindicato no final na década de 80 quando o sindicato estava melhor estruturado e seus dirigentes em contato com outras práticas sindicais. A partir desse período a silicose passa a ser o foco de denúncia do sindicato.

As táticas da empresa foram em muitos momentos denunciadas pelo sindicato como forma de “violência contra o ser humano,” e que tinha “ com a cumplicidade criminosa de patrões e médicos, o critério da mentira. O tempo todo, a silicose foi repassada aos funcionários pela Mineração Morro Velho como tuberculose. E tratada como tal.”<sup>13</sup> O diagnóstico da silicose é deslocado, substituído por um discurso que, segundo o sindicato, parece ter sido compactuado com os médicos da cidade, que por meio de seu discurso de poder é capaz de produzir outra doença (a tuberculose), impedindo em certa medida, sua associação com o trabalho.

Esta prática denunciada pelo sindicato revela também que a empresa se apropriou do discurso da medicina, de forma reducionista, reconhecendo a silicose apenas como doença do aparelho respiratório, omitindo onexo causal entre trabalho e doença. Na sua construção discursiva, a empresa não reconhece as condições de trabalho como fator determinante para que o trabalhador venha a contrair a silicose, e passa a relacionar a doença a um conjunto difuso de fatores que retira qualquer responsabilidade da empresa:

Os depoimentos dos membros do sindicato dos mineiros indicam que naquele período (início dos anos 80) o sindicato desconhecia o significado da palavra. Filinto, ex-marteleteiro, trabalhador do subsolo, começou suas atividades na mineração Morro Velho, em 1983, e recorda-se que “naquele tempo não tinha doença, as doenças não tinham, a gente não

---

<sup>1 3</sup> Silicose mata mineiros da ‘Morro Velho.’ In: Brasil Revolucionário. São Paulo, Instituto Mário Alves de Estudos Políticos. Ano III, nº10, maio, 1992, p.23.

via ninguém doente, porque tinha pouco tempo de começado e também as galerias ainda tava rasa não tava profunda né, aí não tinha tanta gente doente, ainda não.” (Entrevista, 21/01/2005)

Para Filinto a doença não existia no período em que começou a trabalhar na empresa, porque não existiam notícias de pessoas que adoeceram ou morreram por conta do exercício do trabalho. Nessa época não se falava sobre a silicose, muito menos sua relação com as condições de trabalho da mineração, confirmando a idéia de dissociação construída pela empresa, prática eficaz produzida para burlar a vigilância no ambiente laborativo, evitando a conscientização do quanto e como as práticas de trabalho eram responsáveis pelo afastamento dos mineiros da atividade produtiva, deslocando-os para um outro lugar na sociedade, o da exclusão.

A silicose adquire a dimensão de doença quando muitos trabalhadores foram excluídos do emprego e posteriormente da vida familiar e social. Por outro lado, a empresa lutava para impedir a associação silicose/local de trabalho. A luta aqui travou-se também no campo da linguagem entre o nome da doença e sua causa. Em um primeiro momento a mineradora negou o enunciado que afirmava que o trabalhador contraia a silicose em razão das condições do trabalho. Remetia sua causa a um fator genético e quanto aos óbitos, estes em muitos casos, segundo a empresa, não estavam diretamente relacionados com a doença. Para o diretor da empresa o que se tem em média de atestado de óbito tendo como causa a silicose, “se eu não tiver enganado em números não pode ser exato porque não é oficial, mas não passa de oito óbitos relacionados diretamente a silicose... porque tem óbitos que não tem nada a ver com a silicose e são divulgados como tal.” (Entrevista, 11/07/2006) O discurso da empresa minimiza a quantidade de falecimentos decorrentes do trabalho nas minas, imprimindo outro significado ao afirmar que os casos de silicose não conduziram a maioria dos trabalhadores à morte. Esse discurso foi engendrado para romper os fios de outra realidade, construindo desse modo alguns efeitos de verdade, um deles a redução do número de óbitos.

Durante quase uma década, o dizível sobre a silicose foi silenciado pela empresa na tentativa de consolidar outros discursos, entre eles o do desenvolvimento sócio-econômico promovido pela mineração Morro Velho. Falava-se em progresso, mas este não era visto, confirmando a tese de que falar não é ver. Construiu-se a idéia de um progresso para todos, mas a realidade se apresentava diferente daquela propagada pela empresa e por alguns segmentos da sociedade local. (DELLEUZE, 1988:70)

A imagem de cidade do ouro era apropriada pela empresa e reproduzida pela sociedade, inclusive os trabalhadores, porque a divulgação da doença só viria a acontecer ao final da década de 80, quando os mineiros, os marleteiros, em sua maioria, começaram a adoecer e falecer. Nesse sentido, resta-nos perguntar quantas mortes foram necessárias para que a ligação entre silicose e trabalho nas minas fosse finalmente reconhecida? Não se tem e provavelmente não se terá resposta para essa questão, mas pode-se pensar e refletir sobre o percurso social, constituído de significados que levou o sindicato a questionar a relação entre atividade dos mineiros, doença e óbito.

No final da década de 80, quando a silicose começou a ser questionada pelo sindicato como doença associada ao trabalho, alguns episódios pareciam impedir tal relação. O INSS local não aceitava o nexos causal emitido por médicos da Secretária da Saúde, por sua vez o serviço de radiologia existente na cidade não adotava procedimentos específicos para identificar a silicose, conforme o padrão da Organização Internacional do Trabalho – OIT, “o que tem gerado um grande número de chapas sem qualidade radiológica.” A resistência em acatar o padrão OIT pode ser explicado por conta do “convênio estabelecido entre o serviço e a empresa, ”<sup>14</sup> revelando a estratégia construída pela empresa para impedir a relação doença/mina.

A situação dos trabalhadores com silicose parece ter sido agravada quando muitos deles foram demitidos após a greve de 1989. O presidente do sindicato dos mineiros daquele período “comparou os casos de Jacobina e os de Nova Lima (MG), expressou sua desconfiança quanto a uma solução rápida para os demitidos com silicose. Considerou que o poderio econômico seria o principal obstáculo a ser vencido, pois este seria usado pela empresa para conseguir protelações no Judiciário.”<sup>15</sup>

O impedimento construído pela empresa em relação ao diagnóstico da silicose pode ser compreendido como uma de suas táticas à medida que se produzia o discurso de que o trabalhador era doente, possuidor de um organismo debilitado por conta do fator genético, tática que tentava desconstruir o outro discurso, o da doença como acidente de trabalho. Na década de 90, o sindicato começou a perceber a prática da empresa e denunciou essa realidade aos órgãos de saúde e vigilância do trabalhador.

As condições de trabalho, a percepção tardia, o despreparo do sindicato, o reconhecimento de que a luta era desigual por conta dos poderes tecidos pela empresa, entre

---

<sup>1</sup> <sup>4</sup> CESAT/COVAP. Relatório do acompanhamento das ações da representante da SNAS/MS (28/12/1992 a 05/01/1993, p.5.

<sup>1</sup> <sup>5</sup> Relatório de acompanhamento... Anexo I, p.7.

outros aspectos, revelam um cenário nada favorável aos trabalhadores. Como criar estratégias para tentar discordar do discurso da empresa e instalar a resistência à situação? Como retirar a doença do silêncio e explicitar o não dito, o que foi deslocado? Como atribuir um novo sentido para a silicose, relacionando-a diretamente com o trabalho nas minas de ouro?

Em certos aspectos, entender o silêncio em relação a uma doença adquirida no subsolo da mineração significa analisar o papel de cada um dos envolvidos, os trabalhadores, a empresa, o sindicato, o poder público municipal e estadual. Seria simplificar a análise se a compreensão e as explicações fossem realizadas de forma isolada. As relações de força são mais eficazes do que possam parecer, suas estratégias são construídas com princípios definidos, para que os problemas se transformem em unidades microscópicas dentro de uma lógica que determina o lucro, que prega o discurso hegemônico do progresso. Foi assim na cidade de Jacobina. Os diversos e diferentes interesses convergiam e se identificavam com as imagens enunciativas da promessa de desenvolvimento que a cidade alcançaria. Mas qual o significado dessa voz nos diferentes lugares sociais da cidade? Quais as mudanças resultantes que surgiam dessa prosperidade? A atividade da empresa Morro Velho produziu o discurso do trabalho, do emprego e da geração de renda, um mundo até certo ponto misterioso, porque um “mundo novo” que prometia salvar “essa gente” da fome e da miséria, restituindo-lhe a dignidade. Mas o mundo denominado de próspero era o avesso daquele nomeado no discurso e vivido por parcela significativa da população.

O discurso do “Eldorado” é atravessado por outros sentidos e intervém no processo significativo, apoiando-se nas histórias das doenças contraídas pelos mineiros, com seus efeitos de evidência, provocando o movimento entre essa realidade do dia-a-dia e as imagens enunciativas da riqueza que não é só ouro, mas poder, fama e bem-estar.

O pânico produzido da experiência com a silicose fez com que o sindicato buscasse apoio e orientação em instituições relacionadas ao trabalho e à saúde do trabalho. A partir do final da década de 80 a Delegacia Regional do Trabalho -DRT foi frequentemente requisitada pelo sindicato para comprovar denúncias contra a empresa sobre as condições de trabalho. A mineração foi autuada várias vezes, mas quase sempre não cumpria todas as determinações da DRT. A criação em Salvador do Centro de Estudos e Saúde do Trabalhador - CESAT para os mineiros foi importante. Através do CESAT, os trabalhadores, portadores ou com suspeita de silicose, podiam ser atendidos por especialistas na área de saúde do trabalho, principalmente pneumologistas, psicólogos e assistentes sociais.

O silêncio construído sobre a silicose implicou também em ausência de dados, relatórios sobre as condições de trabalho durante a década de 80, principalmente quando os

empregados da mineração começaram a adoecer e falecer. Silêncio emblemático. No subsolo, a empresa apresentava sua realidade. Na mina do Itapicuru o ruído era intenso, sem ventilação auxiliar, refeitórios próximo ao subterrâneo da mina, expostos a poeira, entre outras condições inadequadas de trabalho. A forma como a empresa tratou seus trabalhadores foi alvo de denúncia por parte do sindicato.

Em 1991, uma equipe composta por técnicos do DNPM - Departamento Mineral de Produção Mineral e do CESAT fez uma inspeção na mineração com o objetivo de “conhecer as instalações da JMC S/A em Jacobina, visando aprofundar as discussões sobre o Programa de Saúde da Empresa- PSE.” A inspeção identificou irregularidades, como a forma de trabalho nas galerias subterrâneas, considerou o “ambiente confinado, exíguo, sem ventilação auxiliar. Os bebedouros são do tipo simplificado, isto é são construídos nas oficinas da empresa, consistindo de uma caixa eternit com filtro de areia e carvão.”(CESAT/COVAP:1991)

O tema saúde do trabalhador provocou, nesse período, um embate entre empresa e sindicato. A empresa não aceitava o gerenciamento do sindicato no Programa de Prevenção de Controle e Riscos Ambientais, procurando mantê-lo afastado de qualquer tipo de ação que fiscalizasse as condições do ambiente de trabalho. O discurso utilizado pela empresa é o da falta de técnicos especializados dentro do sindicato para acompanhamento do Programa de Riscos Ambientais. Recorre ao discurso competente ou científico que deveria ser emitido por profissionais da área do saber médico, para tentar desqualificar e impedir o trabalho do sindicato em defesa da vida dos mineiros. Para ela, o sindicato não detém esse saber, o seu discurso não pode ser reconhecido, pois lhe falta o domínio dos conhecimentos exigidos para que tenha representação política e social. Com este discurso a empresa reconheceu que a presença do sindicato se tornava cada vez mais visível, e era preciso apagá-la, deslocando o foco da questão das condições de trabalho, seus riscos e controle, para a incompetência do discurso sindical, procurando assim dificultar e impedir a atividade do órgão de classe dos trabalhadores no local de trabalho. O CESAT, por sua vez, utilizou a estratégia da co-participação do sindicato para poder pressionar a empresa na implantação do programa, pois sabia que o monitoramento do ambiente de trabalho reduziria o risco da contração de doenças, como a silicose. A tentativa da implementação de uma política de saúde para a JMC revela a exposição do risco a que os trabalhadores estavam expostos. É nesse âmbito que órgãos fiscalizadores da saúde começaram a travar uma batalha, denunciando a empresa pelas condições de trabalho. Em 1992, a FUNDACENTRO, o CESAT, o DNPM e o CRA “encaminharam denúncia ao Ministério Público, responsabilizando a JMC, mineradora de

ouro, sediada no município de Jacobina, de causar silicose em seus trabalhadores com atividade no subsolo, devido às más condições do ambiente de trabalho na mina subterrânea do Itapicuru.”<sup>16</sup> Os casos de silicose aumentavam, mas as ações fiscalizadoras e punitivas contra a empresa mineradora pareciam não conseguir deter o poder da JMC no estado da Bahia. O DNPM continuava a conceder “licenciamento em áreas de mineração,” conforme o CESAT.<sup>17</sup>

A primeira década de 90 apresentou as conseqüências de um trabalho degradante realizado no subsolo da empresa Morro Velho, e o CESAT e o seu núcleo regional – NUSAT (em Jacobina) se transformaram em lugares de visibilidade e de investigação sobre a silicose. O relatório médico era o instrumento legal para poder requerer aposentadoria por acidente de trabalho. No caso dos demitidos e afastados constituía prova de que haviam adquirido a silicose no ambiente de trabalho. Marteleiros e operadores continuavam a procurar os órgãos de saúde do trabalhador. Em 1993, Gilson\*, 34 anos, operador de máquina no subsolo, “...trabalhando na mineração subterrânea de ouro – onde a concentração de sílica na poeira transportada pelo ar varia de 40 a 80%, durante 11 anos na JMC..” encaminhado pelo sindicato, compareceu ao NUSAT/Jacobina queixando-se de “um pouco de dor cabeça,” utilizava como EPI “máscara, abafador de ouvido, capacete, luvas, botas,” mas tinha consciência que “os EPIs ajudam só um pouco.”<sup>18</sup> Benedito, 52 anos “compareceu ao CESAT em 23.01.93, relata o início de sua sintomatologia há 3 meses com crises hipertensivas... trabalhou na mineração subterrânea de 1976 a 1992, exposto a péssimas condições de trabalho...”<sup>19</sup> Damião, 46 anos, após trabalhar por 9 anos como marteleiro na Morro Velho, “furava pedra e outras coisa mais sempre no subsolo,” usava como EPIs “capacete, bota, luva só” e afirma que “nunca usou máscara na sua época, no último ano[1989] já alguns eram privilegiados,” em 1989 foi demitido e somente no final de 1996 procurou o NUSAT, depois foi encaminhado ao CESAT para realizar exames, neles constava “o diagnóstico de pneumoconiose pela exposição à poeira de sílica: silicose,” tendo como padronização da OIT/FUNDACENTRO um grau de ½.<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> Essa citação encontra-se na correspondência do gerente da DSO/CESAT para o Delegado Regional da FUNDACENTRO-Ba. 16 novembro 1993.

<sup>17</sup> Correspondência do gerente da DSO/CESAT para o Delegado Regional da FUNDACENTRO-Ba. 16 novembro 1993.

\* Por questões éticas os nomes dos pacientes que aparecem a seguir são fictícios.

<sup>18</sup> 16ª DIRES. Arquivo do NUSAT. Ficha 267/93. 16/03/1993. Relatório médico de 11/06/1993. O paciente faleceu, mas em sua ficha não consta a data do óbito.

<sup>19</sup> 16ª DIRES. Arquivo do NUSAT. Ficha 486/94.

<sup>20</sup> 16ª DIRES. Arquivo do NUSAT. Ficha 677/96. Relatório Médico 11/11/1997.

Os marleteiros, ajudantes e operadores descreveram uma silicose muitas vezes implacável, produzida no subsolo e da qual eles estariam reféns. Essa situação causava-lhes temor e a certeza de que o futuro não lhes chegaria, seu tempo era marcado por uma realidade difícil e muitas vezes atroz. Os mineiros preocupavam-se com o estado de sua saúde, principalmente quando eram demitidos. Na demissão poderia estar implícito o fato de ter contraído silicose e contraí-la era sinônimo de vida mais curta, resultando em estigmas para atuação no mercado de trabalho.

Desse modo, a empresa mantém os conflitos encobertos e cria uma falsa representação para escamotear os problemas de saúde dos mineiros decorrentes das condições insalubres de trabalho. Utiliza-se de múltiplas estratégias para dissociar trabalho nas minas com a silicose. Constrói o discurso técnico para continuar explorando o trabalhador. Desse modo, usa o argumento investimento/lucro, para justificar a impossibilidade de “eliminar os riscos” (não se referindo aos deveres cumpridos) e coloca como alternativa (ou ameaça?) “parar a atividade”.

Do outro lado, o trabalhador que enfrenta o problema social da sobrevivência, “quer trabalhar,” quer melhores condições de vida, quer melhores salários, saúde e segurança para realizar suas atividades.

Os percursos e ressonâncias desses intensos combates são intrincados, permeados de tensões, produzindo sentidos plurais, porque neles está subjacente o problema das relações sociais e econômicas, da divisão e exploração do trabalho, produzidas no jogo de forças. Nesse confronto, há sempre a possibilidade de rupturas e da criação de outras formas de vida e trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. “Do ‘novo sindicalismo’ à ‘concertação social’: ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). Ver.Sociol.Polit.n.15. Curitiba, nov.2000. Disponível em: <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso em 21 set.2006.

BRASIL Revolucionário. São Paulo, Instituto Mário Alves de Estudos Políticos. Ano III, nº10, maio, 1992.

COSTA, Márcia da Silva. “O sistema de relação de trabalho no Brasil:alguns traços históricos e sua precarização atual”. Rev.bras.Ci.Soc.v.20 n.59. São Paulo, out.2005. Disponível em:< [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>Acesso em 10 dez.2006.

DELLEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense,1988.

FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. Poder, crise e novas estratégias de desenvolvimento: o caso de Jacobina. Diss.mestrado arquitetura. Salvador,UFBa,1995.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985.7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988